

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

URI ZOHAR – INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

19 de outubro de 2023

SHABLUL / 1969

“Caracol”

Um filme de Boaz Davidson e Uri Zohar

Realização: Boaz Davidson, Uri Zohar / **Argumento:** Boaz Davidson, Uri Zohar / **Produção:** Tzvi Shissel / **Música:** Shalom Hanoch / **Direção de Fotografia:** Nurith Aviv / **Edição:** Anat Lubarsky / **Interpretações:** Arik Einstein, Shalom Hanoch, Uri Zohar, Yehudit Sula, Alona Einstein, Josie Katz, Tzvi Shissel, Mordecai Arnon / **Estreia Mundial:** 1970, Israel / **Duração:** 75 minutos / **Cópia:** 35 mm a preto e branco, falado em hebraico, parcialmente legendado em inglês e hebraico, com legendagem eletrônica em português / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

NOTAS: A cópia a apresentar apresenta-se nalgum risco de deterioração, sendo notória a ausência de alguns fotogramas. A Cinemateca pede desculpas pelo sucedido.

A presente folha de sala foi escrita a partir do visionamento de uma cópia sem legendas.

“I’d like to meet at the café. The café is called The Café” diz-nos uma das personagens do conjunto, mais ou menos coeso, que compõe **Shablul**. Nesta reiteração absurda, pousamos os pés no território metalinguístico de que Zohar tanto se enamorou, enunciado logo ao início na bomba de **Hor Ba’Levana** e que - depois de algumas incursões por uma narratividade mais assumidamente *nouvelle vague* em **Shlosha Yamim Ve’Yeled**, ou até a roçar o patriótico em **Kor Mamzer Melech** - veio a recuperar (e concretizar verdadeiramente) neste **Shablul** e, logo a seguir, em **Hitromamut** e **Lool**. Estas três obras atribuem-se como uma tempestade antes da calma (porque o cinema de Zohar também pode ser visto como um trabalho de refeitura duma mundivisão popular, complexificando e questionando as suas hegemonias) da sua trilogia da Praia já sincera, autorreflexiva (nas conexões passíveis à vida do Zohar, não propriamente num domínio formal) e, sobretudo, acessível.

O que concede a **Shablul**, **Hitromamut** e **Lool**, um estatuto particular no cinema de Zohar é o modo como parecem contradizer quase tudo o que, estruturalmente, possamos entender como um filme, caminhando a um extremo que vai para lá da sua incontornável primeira longa-metragem: na desconstrução da narrativa tanto ficcional quanto documental (*mockumentary* seria uma boa definição), no constante quebrar da quarta parede, na jovial rebeldia pós-68 que nos introduz tão brutalmente na

especificidade de um contexto, que juramos poder sentir toda aquela liberta euforia, mesmo que 55 anos depois; estes traços expõem-se em tal extremo que **Lool** já nem sequer um filme é, mas uma série de sketches cómicos, convertidos a minissérie de TV, e **Hitromamut**, na sua emancipação sexual, ter-se-á tornado numa espécie de “filme proibido” com os atores, hoje celebridades em Israel, a adquirirem os direitos da obra para a poderem apagar da memória coletiva dos israelitas.

Neste **Shablul**, entre os três, o filme que resiste (ainda que injustamente despercebido na obra de Zohar), a passagem de um arco narrativo a outro, em vez da preocupado por um *raccord* invisível, imaculado, é feito de cenas charneira, mostrando-nos um Arik Einstein que encesta uma bola de basquetebol. Estas cenas impõem-se violentamente no filme, como uma espécie de repetitiva bofetada, que descobre uma montagem guiada pelo ritmo, o som; é a batuta que interrompe a composição, sem nunca deixar de a guiar, entre as sequências da banda que toca (porque é que no tom e cadência da voz de Arik se ouve qualquer coisa de Jorge Palma?), e as outras ficções que a partir dela se desdobram. O que irrompe é um meio termo entre um documentário *behind-the-scenes* sobre a conceção de um disco de 1970 que unira Arik Einstein e Shalom Hanoch (de título homónimo ao filme), e uma comédia desbragada, *screwball* que, na sua excentricidade, revela, por todos os poros, a vontade de libertação despoletada pela revolução sexual da década de 60 (a nudez explícita, ou a referência cómica ao sexo entre dois homens).

Nas ligações possíveis entre a obra e a vida de Zohar, é de notar como a banda real que aqui vemos é a mesma que perpassa para **Metzitzim**, e quando Zohar aparece em ambos os filmes, é sempre uma personagem relativamente alienada, em tronco nu, que vive sob os destroços – a diferença é que, em **Metzitzim**, ele se começa a aperceber do porquê desse cenário arruinado (é onde se espelha o legado de caos e anarquia do seu trabalho anterior na realização, nesse filme apenas convertido a cenário, quase camuflado na atmosfera de uma aparente serenidade, e revelando o começo de uma reflexão sobre a sua “má vida”, que contribuiria para o seu abandono do cinema) enquanto, aqui, ingenuamente, lhe colhe os últimos frutos.

Em termos formais e “narrativos”, é difícil não nos lembrarmos do **Flying Circus de Monty Python** no humor (do pouco que percebemos nesta cópia em hebraico) e, na vertente documental, de **Let It Be** de Michael Lindsay-Hogg que, na verdade, precedeu **Shablul** por um ano. É isso que o torna, aliás, um objeto especialmente interessante, o modo como parece prever tendências, não se tornando posterior ao que julgaríamos ter como referências, mas simultâneo e, por vezes, antecedente. Além disso, fora a primeira obra realizada por Boaz Davidson, aqui, num processo colaborativo com Zohar (Davidson é apresentado, aliás, como o principal nome por trás de **Shablul**, com Zohar, por vezes, em fichas técnicas do filme, deixado ao mero papel de argumentista), que se veio a popularizar no denominado cinema *bourekas*, e bem mais tarde (hoje, aliás) na produção de blockbusters de Hollywood com a saga de **The Expendables**, como maior exemplo de sucesso.

Miguel Pinto